

São Cristóvão-SE/Brasil
21 a 23 de setembro de 2011

V Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"



ISSN 1982-3657

EVOLUÇÃO SOCIAL DO CONCEITO DE TEMPO

Maria Helena de Melo Aragãoⁱ
Jádney Flávio de Melo Aragãoⁱⁱ

Eixo Temático: Pesquisa fora do contexto educacional

Resumo

O presente artigo busca organizar, de forma qualitativa, algumas idéias em torno de teorias sociais a partir de Elias (1998), Thompson (1994), Halbwachs (1990) e Ricoeur (2007) especialmente o modo como cada autor organiza, em sua narrativa histórica, um campo de ação demarcado pelo tempo. Traz questões explícitas e implícitas e delas uma idéia se encadeia: se o conhecimento histórico expandiu no espaço formas de civilização referenciadas no tempo, até que ponto a evolução social influenciou a percepção do tempo dos trabalhadores? Mostra que a transição para a sociedade industrial e a expansão do capitalismo suscitaram maior integração entre tempo e trabalho, mudaram hábitos dos trabalhadores e construíram instrumentos para lidar com o tempo. Nisto, o tempo vai construindo novas interações e novos elementos para futuras construções sociais.

Palavras-Chave: Evolução social, tempo e história

ABSTRACT

This article aims to organize, in a qualitative way, some ideas about social theories from Elias (1998), Thompson (1994), Halbwachs(1990) and Ricoeur (2007), especially the way each author organizes, in his historical narrative, a field of action marked by time. The paper gives explicit and implicit questions and from them one idea is linked together: if the historical knowledge has expanded in space forms of civilization in the referenced time, to what extent the social evolution has influenced the workers' perception of time? The text shows that the transition to industrial society and the expansion of capitalism aroused greater integration between work and time, workers' habits have changed and built instruments to deal with time. Therefore, the time is building new interactions and new elements for future social constructions.

Key words: Social evolution, Time and History

Introdução

É chegado o final do ano letivo 2008. Parece que o tempo tem asas, passa rapidamente, num vôo mágico e solitário, como não querendo demarcar seu percurso e já demarcou. Não encontrando palavras para descrever tal sensação, muitas vezes saindo da sala de aula confusa com tantas informações a processar em tão pouco tempo. E aí perguntei a mim mesmo: o que é o tempo? E qual é a relação do homem com o tempo? De repente, tive que reconhecer que “não sei”, e logo percebi como Elias (1998 p. 84) ao citar o ancião sábio (Santo Agostinho), que essa pergunta eu nunca deveria ter feito. Santo Agostinho, um dos maiores filósofos de sua época (século V), ao abordar esse assunto, reconhece a incompletude do tema e comenta: “Se ninguém me perguntar eu sei; se desejo explicá-lo a alguém que me pergunte, não sei mais”. Tentar compreender “o tempo” devo admitir que não é fácil. Dialogar com obras de autores como a do filósofo Norbert Elias, do historiador inglês Edward Palmer Thompson, Maurice Halbwachs e Poul Ricoeur precisaria estar bem mais afinada, vez que são obras extensas e ímpares das quais ainda se tem muito a explorar.

Este artigo tem como objetivo discutir as potencialidades de algumas idéias contidas nestas obras, especialmente tentando encontrar nas produções teóricas o lugar de onde cada autor está lendo e escrevendo sobre o tempo e, a partir daí, dialogar com cada um deles para obter algumas conclusões.

Para isso, buscou-se resgatar de forma crítica e reflexiva, conceitos e contextos nos quais as relações entre homem, tempo e trabalho foram sendo construídas e transformadas. Em seguida, faz-se uma reflexão sobre a relação entre narrativa, história e memória como possibilidade metodológica na compreensão do tempo. Para isto, recorreu-se aos estudos de Norbert Elias (1989, 1993, 1994, 1998); Thompson (1988, 1989, 1993 e 2005); Maurice Halbwachs (1990); Paul Ricoeur (1994 e 1998) entre outros. Esta escolha se deu pelo fato de

serem teóricos apaixonados pelo tema e por considerar a forma tão sublime, real e crítica com que tratam da questão do tempo na história de nossa sociedade.

O Homem, o Tempo e o Trabalho

Quando comecei a fazer este estudo, no final de (2008/2), percebi que o ano estava fugindo do calendário e isto me inquietava bastante. Logo fui tomada por uma sensação de “perda” dos bons momentos vividos em minha trajetória acadêmica. Hoje, vejo-me na encruzilhada do tempo; o passado não está mais aqui, o futuro ainda está para chegar e o presente, este sim, é o que estou vivendo, mas passa tão rápido, e de forma mágica, vai anunciando o futuro. Mas será que o tempo deve ser compreendido como fator linear? Ou será que o tempo é uma grande ilusão? Se assim for, não seria uma perda de tempo discutir o tempo? Na Bíblia Sagrada o sábio Salomão, ao referir-se ao tempo diz que:

Tudo tem seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu: há tempo de nascer e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de colher; tempo de arrancar o que se plantou; tempo de matar e tempo de curar; tempo de derribar e tempo de edificar; tempo de chorar e tempo de rir; tempo de prantear e tempo de saltar de alegria; tempo de espalhar pedras e tempo de juntar pedras; tempo de abraçar e tempo de afastar-se de abraçar; tempo de buscar e tempo de perder; tempo de guardar e tempo de deitar fora; tempo de rasgar e tempo de coser; tempo de estar calado e tempo de falar; tempo de amar e tempo de aborrecer; tempo de guerra e tempo de paz (ECLESIASTES, 3:1-8)

Esta citação nos dá uma idéia de que aparentemente tudo parece estar claro sobre o tempo. Bem, até que alguém faça esta pergunta, parece estar tudo resolvido. Uma coisa eu sei, o tempo existe, e vai marcando nossa vida, e na trajetória de reconstrução de nossa história ele não é uniforme como descreve a física de Galileu, que inaugurou a ciência da natureza (tempo físico), nem absoluto, verdadeiro e matemático como afirmou Newton, sem nenhuma relação com o exterior. Embora não se possa negar a idéia de natureza, em que durante muito tempo o homem se integrava com ela, utilizando-se do sol, da lua e de outros astros para se orientar e acompanhar o ciclo natural de sua vida

Na antiguidade, o tempo se dava nos ritmos naturais, entre trabalho e vida. O grão deveria ser colhido antes das tempestades. Os céus claros, ou os céus escuros, as sementes amareladas e cheias determinavam, a seu tempo, o movimento da vida. Lembro-me de meus pais que trabalhavam em determinados dias até o por do sol, e em outros, aguardavam ociosos e descontraídos a chegada da estação certa para o plantio, que a lua e as nuvens sinalizariam. As alterações meteorológicas (chuva, sol, tempestades, ventos) reduziam ou ampliavam os

dias do agricultor com alternância entre trabalho intensivo ou ocioso “porque os indivíduos detinham o controle de sua vida produtiva” (THOMPSON, 1988, p. 282).

Neste ensaio, cumpre-nos falar do tempo como categoria, embora na realidade preferisse que ninguém me perguntasse, pois "se ninguém me pergunta, eu sei". Quem não sabe do tempo que lhe é familiar? O tempo que estamos falando é o tempo dicotomizado, que didaticamente se costuma separar numa tentativa de compreendê-lo: os tempos social e físico. Dois tempos que, separados no tempo da intimidade de nosso ser, não fazem sentido, pois "se ninguém me pergunta, eu sei".

Elias (1989, p.18) propõe uma alternativa de superação da dicotomia das ciências, prefere analisar o tempo num contexto sociológico e para isso ele nos dá uma pista:

"Uma idéia básica é necessária para entender o tempo: não se trata do homem e da natureza, como fatos separados, senão do homem na natureza. Com isso, fica facilitado o empenho de investigar o que significa o tempo e por entender a dicotomia do mundo em natureza (área de estudo das ciências naturais) e sociedades humanas (área de estudo das ciências humanas e sociais) conduzem a uma cisão de mundo, que é produto artificial de um desenvolvimento científico errôneo".

A significação do conceito de “tempo” modificou-se tal qual o conceito de “natureza” empregado por Aristóteles e pelos escolásticos medievais. Hoje o tempo adquire novos contornos e novas concepções são introduzidas na vida dos seres humanos, como por exemplo, os relógios e os calendários que passam a determinar o tempo numa continuidade evolutiva, acarretando uma reestruturação rigorosa de hábitos de trabalho e uma nova vida para o trabalhador é exigida. Agora, o relógio diário não é mais o do galo, como queria Chantecher em “Nos Contos de Canterbury”, nem o do gado ou de tarefas pastorais que os antigos consideravam como “passagem do tempo”, a sucessão dessas tarefas e sua relação mútua. As sociedades evoluíram e o tempo passou a ser medido de forma diferenciada e de acordo com a cultura de cada civilização.

Em Madagascar se media o tempo pelo “cozimento do arroz” (cerca de meia hora); no Chile (século XVII), o tempo era medido em “credos, um terremoto (1647) como tempo de “dois credos”, e o cozimento de um ovo, por uma “ave Maria”rezada em voz alta (THOMPSON, 2005, p. 269-270)

Na visão de Elias (1989, p. 16) os calendários já passaram por inúmeras reformas até chegarem aos modelos atuais "(...) *dias e meses do calendário se constituem em um modelo repetitivo da não repetição da seqüência de fatos*". Tais formas de se medir tempo trouxeram uma certa previsibilidade e padronização diante de irreversibilidade do mundo.

Para Thompson (1993, p.354), o tempo e as medidas temporais formaram a disciplina necessária para o desenvolvimento do capitalismo industrial. Revolução industrial, ascensão da burguesia ao poder, ressignificação de tempo e espaço na vida urbana, expansão do capitalismo suscitaram a necessidade de maior sincronização e integração entre tempo e trabalho. Isso favoreceu a difusão e o desenvolvimento mais intenso dos relógios que, por sua vez, provocaram mudanças nos tempos dos trabalhadores e da sociedade. Na cultura da Europa Ocidental, o relógio aos poucos vai tomando o espaço do tempo natureza, apesar de nos contos de Canterbury, o galo assume o papel de relógio da natureza e numa expressão saudosa Chantecler anuncia: "Bem mais confiável era o seu canto no poleiro, do que um relógio, ou o relógio da abadia." (THOMPSON, 2005, p.268)

Para avançar na compreensão do tema, Elias traz uma nova contribuição para essa discussão. Assim ele se expressa:

O que chamamos de "tempo" nada mais é do que o elemento comum a essa diversidade de processos específicos que os homens procuram marcar com a ajuda de relógios ou calendários. Mas, como a noção de "tempo" pode servir para determinar, de acordo com o antes e o depois, processos muito variados, os homens têm facilmente a impressão de que o "tempo" existe independentemente de qualquer seqüência de referência socialmente padronizada ou de qualquer relação com processos específicos. "Estamos medindo o tempo" dizem eles, quando se esforçam por sincronizar, por datar alguns aspectos apresentados por processos específicos e tangíveis, em termos potenciais ou efetivos (ELIAS, 1998, p.84)

Foi a partir dessa concepção que relógios passaram a ser concebidos como invenções na orientação e integração de aspectos físicos, biológicos e sociais. Este é cerne da questão defendida por Elias, entender o tempo no campo processual, possibilita ao homem repensar sua vida e transformá-la, posicionando-se como sujeito da história e do tempo. Qualquer hipótese negativa sobre o tempo como construção humana e histórica, implica em equívocos dessa natureza

Segundo Elias (1993, p. 228), o tempo deve ser compreendido no contexto social onde é produzido e em interação com outros elementos da vida social, sendo necessário

articulação entre aspectos interdisciplinares e intersubjetivos. Critica a Psicologia Social por não explorar profundamente as relações entre homem e tempo, e mostra que a divisão existente entre Psicologia Social e demais Psicologias é um erro, e que "estudar o tempo pode talvez contribuir para corrigir esta imagem errônea de um mundo com compartimentos estanques", (ELIAS, 1989, p. 25).

Nesse sentido, o tempo e medidas temporais decorrem dos processos de urbanização, comercialização e mecanização da sociedade. E por isso trazem maior dependência dos instrumentos criados para medir o tempo e menor dependência de medidas baseadas nos fenômenos da natureza. Segundo Elias (1989, p. 64 e 65), o "*processo civilizador*" demonstra que quanto mais ampla e interdependente for a ação humana, maior será sua dependência do tempo.

Pelo que se pode observar, o tempo passa a ser elemento imprescindível na coordenação e integração das relações sociais, Isto porque as atividades a serem sincronizadas na modernidade são maiores e em redes mais complexas. Com a maior dependência das medidas temporais, há uma ênfase excessiva na temporalidade, ocasionando a sensação de escassez do tempo. Nisto compreende Elias:

O que chamamos de tempo é, em primeiro lugar, um marco de referência que serve aos membros de um certo grupo e em última instancia, a toda humanidade, para instituir ritos reconhecíveis dentro de uma série continua de transformações do respectivo grupo de referência, ou também, de comparar uma certa fase de um fluxo de acontecimentos.(ELIAS, 1989, p.84).

Nesta concepção, o tempo, além de cumprir funções de orientação do homem diante do mundo e regular a convivência humana, rompe com os conceitos de "sociedade" e "indivíduo" tomados de forma isolada. A sociedade não é formada de indivíduos fechados ou "homo clausus" como pensava Leibniz citado por Malerba (1994), independente do mundo exterior. Leibniz (1646-1716), por exemplo, sustentava que assim como o espaço é uma ordem de coexistências, o tempo é uma ordem de sucessões que fluem de modo uniforme. Kant critica Leibniz ao desenvolver uma doutrina do tempo na *Crítica da Razão Pura*, negando que o tempo seja um conceito empírico derivado da experiência, sendo, portanto, uma representação necessária que se apresenta em todas as nossas experiências.

Para Elias (1989, 1994, 1998), o saber é construído através de configurações sociais ao longo da evolução da sociedade, de igual forma, o tempo também responde a esse mesmo processo, embora essa evolução não signifique necessariamente progresso, mas em sua constituição

há progressos e retrocessos. No “processo civilizador”, tempo é elemento propiciador do desenvolvimento da sociedade, caracterizado pelo encadeamento de formações sucessivas que são temporais e que por isso há:

Necessidade de sincronização da conduta humana em territórios mais amplos e a de um espírito de previsão no tocante a cadeias mais longas de ações como jamais haviam existido... também há manifestação do grande número de cadeias entrelaçadas e interdependência, abrangendo todas as funções sociais que os indivíduos têm que desempenhar, e da pressão competitiva que satura essa rede densamente povoada e que afeta, direta ou indiretamente, cada ato isolado da pessoa. Esse ritmo pode revelar-se, no caso do funcionário ou empresário, na profusão de seus encontros marcados e reuniões e, no do operário, na sincronização e duração exatas de cada um de seus movimentos. Em ambos os casos, o ritmo é uma expressão do enorme número de ações interdependentes, da extensão e densidade das cadeias compostas de ações individuais, e da intensidade das lutas que mantém em movimento toda essa rede interdependente (ELIAS, 1994, p.207).

Assim, o “processo civilizador” acabou impondo aos indivíduos um número maior de atividades e encadeamento entre eles, com maior dependência e complexidade na rede de relações. Isso só foi possível mediante a presença de um elemento comum que regulasse tais relações – esse elemento comum chama-se tempo. Nesse sentido, seria quase que impossível compreender o “tempo” e as medidas temporais como, “ano”, “mês” “hora” ou “minuto”, que são intervalos padronizados e se repetem de uma posição anterior a outra posterior, se não fizéssemos referência à evolução do conceito de “tempo” vez que tais intervalos decorrem de processos de urbanização, comercialização e mecanização da sociedade. Todavia, o autor chama atenção para a possibilidade de incorrerem em algumas limitações quanto ao uso do termo “evolução” usado nos séculos XVIII e XIX, por isso ele diz:

Quer falemos do desenvolvimento da instituição social da cronologia, quer da evolução das sociedades em geral, o conceito de “evolução” é comumente posto no mesmo saco com o antigo ideal de “progresso” da época das Luzes. Parece implicar a idéia de que cada estágio posterior comporta um valor moral mais elevado que os precedentes, ou representa um passo em direção a uma felicidade maior. É comum não se estabelecer uma distinção clara entre essa representação ideal do progresso e uma abordagem sociológica evolucionista que tome por regra a simples evidência dos fatos, quer ela ateste um progresso ou um retrocesso, como por exemplo, na ordem da diferenciação (ELIAS, 1998, p. 75).

Considerando o tempo um processo social da antiguidade, Elias recomenda que estudos sobre esse tema devem ser associados à história e ao desenvolvimento da humanidade, pois *"(...) o tempo é uma rede de relações, muitas vezes bastante complexa e que substancialmente, determinar o tempo é uma atividade integradora, uma síntese"* (1989, p.

67, grifo do autor). Daí percebe-se que o tempo é uma convenção social que tem acompanhado o próprio desenvolvimento da humanidade. Este é o tema da próxima seção.

O tempo, História e Memória

Para compreender o tempo, é necessário partir de uma abordagem crítica, histórica e processual, para que se tenha visão mais integrada dos “avanços” e “retrocessos” de nossas próprias construções sociais. O que trago neste ensaio não é simplesmente algo de nossa própria memória, mas a nossa noção de tempo. Nossa memória revela que há uma continuidade temporal, talvez seja por isso que é tão difícil entender o tempo. Às vezes tenho receio de que esse tempo vivido com meus professores e colegas e amigos não caia no esquecimento. Mas logo percebo com Halbwachs que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, e que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo, a partir do que ele chama de “intuição sensível” segundo o autor:

Haveria então na base de toda lembrança, o chamado a um estado de consciência puramente individual que - para distingui-lo das percepções onde entram elementos do pensamento social - admitiremos que se chame intuição sensível (HALBWACHS, 1990, p.37)

Isto nos remete a uma compreensão de que o sentimento que invade o meu ser é, de certa forma, reflexo do sentimento de meus colegas, constituindo a força motriz da unidade coletiva concebida pelo autor. Ora, se a memória individual existe a partir das referências e lembranças do grupo, o que fazer para que elas não se apaguem de nossa memória? Devo considerar que o tempo vivido serve para compreender que a única forma de salvar nossas lembranças, é fixá-las em uma narrativa, porque as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem. Nisto demanda uma condição para que haja memória, a busca de nossas lembranças num movimento contínuo e, neste caso, a história seria a memória, por que nela *“há uma solução de continuidade entre a sociedade que lê esta história, e os grupos testemunhas ou atores, outrora, dos fatos que ali são narrados?”* (HALBWACHS, 1990: 80-81).

Halbwachs sugere ainda que as lembranças da vivência em grupo, podem ser construídas ou simuladas. Isto significa que, de alguma forma, posso criar representações do passado com base na percepção de outras pessoas, no que imaginamos ter acontecido ou pela

visualização de representações de uma memória histórica. A lembrança para Halbwachs “*é uma imagem engajada em outras imagens*” HALBWACHS, 1990, p.72-74)

As palavras memória e história, mesmo referindo-se ao tempo passado, não devem ser confundidas, a diferença entre as duas palavras é apresentada pelo sociólogo Maurice Halbwachs, no livro *A memória coletiva* (1990, p. 80-81). Suas reflexões poderiam ser assim sintetizadas: a memória coletiva ou social retém do passado somente aquilo que ainda está vivo na consciência do grupo, física ou afetivamente. Ao contrário, sua concepção de história é a compilação de fatos que apóiam o maior espaço na memória dos homens, e começa justamente onde a memória acaba. A partir do momento em que o grupo desaparece, a única forma de salvar as lembranças é fixá-las por escrito por meio da narrativa.

O historiador Pierre Nora (1993) parece concordar com a concepção de Halbwachs ao propor uma aproximação entre História e Memória. Para ele, memória tornou-se objeto da história, sendo por esta filtrada, o que impede o estabelecimento de diferenças entre a memória coletiva e a memória histórica., se a memória já não existe é porque tudo aquilo que se considera memória é, para Nora, história. Com isso, Nora, acaba por retomar parte do pensamento de Halbwachs, acerca das relações entre história e memória: “a história começa somente do ponto onde acaba a tradição, momento em que se apaga ou se decompõe a memória social. Enquanto uma lembrança subsiste, é inútil fixá-la por escrito” (HALBWACHS, 1990, p.80).

Podemos até notar aproximações relevantes entre o pensamento do sociólogo e do historiador sobre esse assunto, entretanto, segundo Nora, longe estão de serem sinônimos, uma se opõe a outra. Para Halbwachs as lembranças são incorporadas pela história à medida em que elas ou os grupos que as sustentam fossem deixando de existir; já para Nora, a memória deixou de existir porque passou a ser incorporada pelo discurso histórico. Ele ainda acrescenta:

“A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento. Inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações” (NORA, 1993: 09).

Enquanto para o autor, a história é registro, distanciamento, problematização, crítica, reflexão, a história, como operação intelectual, dessacraliza a memória, assim ele se expressa:

A história é reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, demandas ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo” (NORA, 1993: 09).

Michael Pollak, não vê com tanto pessimismo as relações entre história e memória. Para Pollak, estas memórias marginalizadas abriram novas possibilidades no terreno fértil da História Oral. Não se trata de historicizar memórias que já deixaram de existir, e sim, trazer à superfície memórias “que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível” e que “afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados” (POLLAK, 1989: p. 3- 15).

Ao discorrer sobre Tempo e Narrativa, Paul Ricoeur, (1994, 2007) diz que o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo, em compensação, a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal. Isto significa dizer que as categorias *tempo e narrativa* podem ser percebidos a partir de uma reflexão teórica particular integrada ou substituída por uma outra expressão também significativa e complexa: experiência histórica.

Neste contexto, o resgate do sentido de histórica para E. P. Thompson e de sua lógica histórica, assim como de sua trajetória intelectual e política adquire relevância nos dias de hoje.. Sua interpretação do materialismo histórico apresenta três categorias básicas: a luta de classe como protesto, a experiência da classe trabalhadora e a idéia de moral. E afirma: “a sociedade socialista iria revolucionar as relações humanas substituindo o respeito à propriedade pelo respeito ao homem e a sociedade de consumo pelo bem comum”..

Thompson (1993, p. 390). Neste sentido ele consegue resumir a história de luta dos trabalhadores da seguinte forma:

A primeira geração dos trabalhadores da fábrica foi ensinada pelos seus superiores, a importância do tempo; a segunda geração formou os comitês de redução do tempo no movimento de dez horas; a terceira geração lutou pelas horas extras e pelo meio período". Essa última aceitou as imposições de seus empregadores e aprendeu rapidamente a lição que "tempo é dinheiro".

Pelo que se pode observar, o objetivo geral de sua iniciativa era o de substituir o homem econômico, representativo da sociedade capitalista pelo homem socialista.

Considerações Finais

Pelo que se pode observar, a relação entre História, Memória e Narrativa precisa ser encarada com um novo olhar. Lembrar o passado e escrever sobre ele já não pode ser considerada uma atividade tão simples. Nem as lembranças, nem as histórias nos parecem ser tão objetivas. Devemos considerar que, em ambos os casos, estamos à frente de situações complexas e por isso devemos estar atentos à seleção consciente ou inconsciente, à interpretação e à distorção. Eles são fenômenos socialmente condicionados. Não se trata de compreender o tempo de forma isolada, há de ser considerado no contexto da sociedade,. Isto porque a sociedade não é formada de homens fechados, descontextualizados, independentes do mundo exterior, o tempo deve ser produzido em interação com outros elementos da vida social, em articulação, interdisciplinaridade e intersubjetividade. Foi graças a Elias, que argumentando sobre o "tempo físico" trouxe o "tempo social" e se posicionou diante dessa nova faceta trazendo grandes contribuições para a historiografia da educação; Thompson, ao descrever a "consciência de classe" e as experiências manipuladas dentro dos termos culturais, percebe que grande parte dessa experiência da classe determinou as relações produtivas dentro das quais os homens nascem e são inseridos a ela involuntariamente. Seus estudos atenderam às diversas partes da história, principalmente da história social. Da história do trabalho à história da cultura e inspirou pesquisas originais sobre temas que vem afligindo a nossa sociedade.

Elias e Thompson, dois apaixonados pelo tempo conseguem nos proporcionar uma vivência de um tempo alternativo num mundo tão conturbado, mas, aparentemente imutável. Percebi na concepção de Paul Ricoeur que sua mensagem envolvendo "tempo e narrativa" é um convite à reflexão e á teorização onde o homem é o grande articulador no processo de

construção da história. Nesse sentido, vale ressaltar o nome do sociólogo francês Maurice Halbwachs que argumentou que as recordações são construídas por grupos sociais. Os indivíduos lembram no sentido literal, físico. Segundo ele, são os grupos sociais que determinam o que é “memorável”. Halbwachs estabeleceu uma nítida distinção entre memória coletiva, símbolo de uma construção social, e a história escrita, como uma forma positivista, antiquada, objetiva.

Assim, seja qual for a forma que o homem procure compreender seu tempo, seu passado e construir a sua história, vai se deparar com um tempo sempre aberto, e na simplicidade de sua existência, não é uma via de mão dupla, porque nem vai para frente nem para trás, mas é sempre novidade.

Referências

- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1998.
- _____. *Sobre el tiempo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.
- _____. **O processo civilizador** - formação do estado e civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. Volume I
- _____. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- _____. **O processo civilizador** - uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. Volume II
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- NORA, Pierre. “**Entre Memória e História: a problemática dos lugares**”, In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.
- KONESWKI, Anita Prado. **O Ser-Tempo: o escorrer dos relógios**. Disponível em: www.casthalia.com.br/.../osertempoescorrerdosrelogios.htm
- MALERBA, Jurandir. **Ensaio Sobre o Tempo**. Disponível em: www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/160.pdf
- POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, 1989.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Trad.. Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papyrus, 1994. Tomo I.

A Memória, A História, O Esquecimento

THOMPSON, Edward. *Costumes comuns - estudo sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, 2005.

THOMPSON, E.P. **Time-work discipline and industrial capitalism**. IN: Customs in Common - studies in traditional popular culture. New York: New York Press, 1993.

_____. "La sociedad inglesa del siglo XVIII: ¿Lucha de clases sin clases?". In: _____. *Tradición, revuelta y consciencia de clase: estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial*. Barcelona: Crítica, 1989.

ⁱ Professora dos cursos de Pedagogia, Biologia História e Geografia da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. Mestra em Educação Brasileira pela UFAL, Colaboradora do Grupo de Pesquisa TEASA- Trajetória da Educação no Agreste e Sertão Alagoano, atualmente desenvolvendo o Projeto de Pesquisa: A Memória Histórica do Ensino superior em Arapiraca. Diretora do Campus- I/UNEAL e Presidenta do Foro de Diretores de Campus da mesma instituição.

ⁱⁱ Graduado em Direito e Especialista em Pedagogia Organizacional e Gestão de Recursos Humanos
Professor de Direito Constitucional da Universidade do Estado de Alagoas – UNEAL
Professor de Direito Constitucional do Instituto de Educação Superior Santa Cecília – IESC.
Líder do Grupo de Pesquisa em Efetividade dos Direitos Fundamentais - UNEAL
jadneyaragao@gmail.com